

AZSA

ABRIL

## MENSAGEM - 1991

São passados dezassete anos sobre a acção vitoriosa que um punhado de militares transformou numa das principais etapas da História de Portugal.

Nessa bela e inesquecível manhã de Abril, os capitães de Abril souberam interpretar o verdadeiro sentido e os reais interesses dos portugueses e, com a sua acção patriótica e heróica, derrubaram a mais velha e longa ditadura do chamado mundo ocidental, onde um regime iníquo, censório, violento e fossilizado mantinha todo um povo oprimido, obrigando-o mesmo a uma longa e injusta guerra, opressora de outros povos que anciavam e lutavam pela sua própria liberdade, e isolando-o de toda a comunidade internacional.

Hoje, passados estes dezassete anos, olhando para trás e analisando de forma crítica a maneira como os portugueses têm vindo a decidir do seu destino, as escolhas feitas, os resultados obtidos e os não obtidos, teremos de concluir por algum desencanto. Com efeito, quantas das ilusões que então se criaram e acalentaram, quantos dos objectivos que então se determinaram foram caindo e estão hoje ultrapassados e esquecidos! Quantas esperanças, das que então andaram a solta na boca e no coração do povo, têm vindo a ser sucessivamente adiadas! Sempre em desfavor dos mais fracos e dos mais humildes.

Durante estes dezassete anos os militares de Abril, após uma participação activa mais ou menos intensa, cumpridos que foram os seus compromissos, afastaram-se dessa participação activa mas souberam, em nossa opinião, colocar-se na trincheira da dignidade, ao lado dos que em qualquer parte se levantaram e se levantam contra a cupidez, a tirania, a opressão, a miséria e todas as indignidades por mais douradas e encatatórias que elas se apresentem. Os militares de Abril assumem-se como cidadãos de um mundo, que pretendem mais justo, mais livre, mais solidário e mais feliz.

Por tudo isto, pela sua postura de dignidade, a maioria dos militares de Abril sofreu perseguições e preterições, calúnias e perfidias. Ainda hoje, essa postura de dignidade, assumida conscientemente pois nos honramos do que fizemos e do que fazemos, incomoda todos os predadores sem escrúpulos. Com efeito, os traficantes sem alma, os bajuladores sempre disponíveis para trair, os corruptos permanentemente expostos em leilão a quem mais der, os todo-poderosos que julgam tudo poder e nada dever de que falava o padre Antonio Vieira, não perdoam nem suportam os militares de Abril e a sua dignidade (ainda que, de forma farisaica, hipócrita e covarde, não assumam claramente essa atitude). Dignidade que implica saber enfrentar a indignidade dos outros, porque com o seu comportamento, com os seus erros e ingenuidades, as

suas dúvidas e hesitações, as suas utopias e ideais, a sua coragem e rebeldia, os militares de Abril identificam-se com o que de mais genuíno constitui a alma do seu povo e a sua História. Sentindo-se apenas e somente como cidadãos de parte inteira, do seu país. Cidadãos atentos, exigentes, mas comuns.

Por tudo isso, porque querem manter-se dignos, os militares de Abril --e com eles todas as portuguesas e portugueses, que identificando-se com os valores da liberdade, da justiça, da paz, da solidariedade, do progresso, se congregam na Associação 25 de Abril-- continuam a dizer que valeu a pena fazer o 25 de Abril.

Valeu a pena! Basta analisar e comparar as situações que se viviam em Portugal, antes dessa data querida, e as que se vivem hoje em dia. É que, apesar de muita frustração, de muitos desgostos (onde assume lugar importante a inaceitável situação que se vive em Timor Leste) também se concretizaram muitas das esperanças que então se viveram e andaram à solta na boca e no coração do povo.

Somos um país livre, democrático, em paz, inserido na comunidade internacional, com boas relações com os cinco novos países independentes que se exprimem em português e com os seus povos, fazendo parte de uma alargada comunidade europeia, com portas abertas a um progresso e a uma vida melhor. Somos, efectivamente, um país diferente e melhor, onde, apesar de tudo, vive um povo mais feliz e menos obscurantizado.

Valeu a pena e terá que continuar a valer a pena. Podemos melhorar bastante mais. É mesmo imperioso que isso venha a acontecer, pois o fosso para com os outros povos e países mais avançados, ainda que menor continua a ser bem grande. Mas a diminuição desse fosso não pode ser obtida através do alargamento de um outro fosso: o que separa os portugueses mais favorecidos dos menos favorecidos. Aos três D que o 25 de Abril nos proporcionou não podemos acrescentar um D negativo, o da Desigualdade, que não poderá aumentar e terá sim que diminuir. Como também não podemos permitir que um outro D se instale: o da Desilusão. Para isso teremos que saber aproveitar a Liberdade e a Democracia que há dezassete anos reconquistámos e sermos capazes de encontrar as melhores soluções para o futuro, quer nas escolhas das acções a desenvolver, quer nas escolhas das mulheres e dos homens que as deverão concretizar.

Mantendo a nossa Dignidade assente num estatuto de um só artigo: somos livres, não sabemos ser outra coisa senão homens e mulheres livres e bater-nos-emos sempre pela Liberdade.

VIVA O 25 DE ABRIL!

VIVA PORTUGAL!